

NOTA ORIENTATIVA Nº 13/2024 - CVIA/DAV/SESA

Assunto: Orientações para realização da Vigilância Entomológica e controle químico de triatomíneos no Paraná.

1. INTRODUÇÃO

A doença de Chagas (DC), ou Tripanosomíase Americana, é uma infecção que tem como agente etiológico o protozoário flagelado *Trypanosoma cruzi*. É uma doença negligenciada e de elevado impacto social e econômico.

A infecção pode ocorrer pela transmissão vetorial, oral, transfusional, transplantar, vertical (ou congênita) e acidental.

A transmissão vetorial está envolvida com o contágio da pele e mucosas por meio das fezes e urina contaminadas dos insetos hematófagos da subfamília Triatominae.

As principais formas de controle vetorial envolvem: a correta identificação taxonômica e estudos sobre biologia, distribuição geográfica e competência vetorial de cada espécie, além do comprometimento da população e educação social, sendo este um dos fatores fundamentais para esse processo.

Algumas espécies são epidemiologicamente importantes devido às características comportamentais, em destaque para o *Triatoma infestans*, uma espécie alóctone, ou seja, importada, que apresenta relevância na transmissão da doença, por sua facilidade de domiciliação, altas taxas de infecção natural e ser extremamente antropofílica. Pelo fato de ser uma espécie importada foi possível controlá-la, sendo atualmente encontradas populações residuais somente em dois estados brasileiros. Além deste, as seguintes espécies também apresentam importância epidemiológica: *T. brasiliensis*, *T. pseudomaculata*, *Panstrongylus megistus*, *T. maculata*, *T. rubrovaria* e *T. sordida*, devido ao seu potencial para domiciliação.

O principal vetor, *T. infestans*, foi controlado por intensas ações de vigilância entomológica e controle químico, porém os nichos ecológicos desocupados por ele estão sendo ocupados pelas demais espécies nativas com o potencial de domiciliação.

O funcionamento da vigilância entomológica é de fundamental importância para identificar oportunamente situações características da transmissão vetorial, impedindo assim a colonização intradomiciliar, além de monitorar o comportamento dessas espécies ao longo dos anos.

Ainda, segundo o Ministério da Saúde, o controle de triatomíneos por meio da utilização de inseticida residual, aplicado no intra e peridomicílio, é preconizado apenas em situações específicas, devendo ser considerado as espécies de triatomíneos encontradas pelas equipes municipais e estaduais nas pesquisas de vigilância entomológica no intra ou peridomicílio da unidade domiciliar (UD), bem como seu comportamento, nível de domiciliação e infecção por *T. cruzi*.

2. VIGILÂNCIA ENTOMOLÓGICA

A realização da vigilância entomológica está relacionada com a coleta de triatomíneos que pode ser feita por meio da vigilância passiva ou ativa:

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

- **Vigilância passiva:** ocorre pela notificação de insetos encontrados por moradores. Esta deve estar bem estruturada a nível municipal, provida pelos Postos de Identificação de Triatomíneos (PIT), geralmente sediado em postos de saúde e escolas – local este onde o morador pode receber informações e encaminhar insetos suspeitos.
 - As Secretarias Municipais de Saúde (SMS) devem manter uma rotina de verificação dos PIT, com periodicidade no recolhimento destas amostras e envio às Regionais de Saúde (RS) do estado, para prévia triagem e encaminhamento das espécies de importância para os Núcleos de Vigilância Entomológica (NVE) ou para a Divisão de Doenças Transmitidas por Vetores (DVDTV).
 - As RS devem ainda manter uma periodicidade de orientação, verificando se os PIT municipais estão funcionando e aonde estão localizados.
 - Nos NVE e na DVDTV é realizada a identificação taxonômica do inseto, bem como verificada a infecção por *Trypanosoma cruzi*.Uma vez identificada a presença de um triatomíneo, deve ser desencadeada a **busca ativa**, realizada de forma minuciosa, no intra e peridomicílio das unidades domiciliares. Essa ação é baseada na notificação passiva (pelo morador). A vigilância municipal deve realizar a busca ativa na localidade correspondente em um período máximo de 60 dias contados a partir da entrega do exemplar. Sendo que, a depender da fase e espécie encontrada, será necessário fazer também a borrifação com inseticida de ação residual nas habitações, além da coleta sorológica de moradores, em caso de positividade para *T. cruzi*.
- **Vigilância ativa:** consiste na **busca ativa** de triatomíneos de forma programada das UD de uma determinada localidade pelas equipes municipais e ou estaduais, visando a pesquisa de localidades muitas vezes silenciosas ou que demonstrem indícios de domiciliação. Também, pode estar associada à **busca de casos** que estejam relacionados a notificações de casos agudos.

2.1 Classificação das amostras.

- **Peridomicílio:** consideram-se amostras encontradas em peridomicílio, aquelas em que forem encontradas em anexos e outros abrigos que estejam ao redor da residência, área externa, que não ultrapassem um raio de 100 metros.
- **Intradomicílio:** considera-se amostra intradomiciliar aquela que for encontrada em local que esteja contemplado em uma mesma cobertura do telhado da unidade domiciliar (ex: quartos, varandas, banheiros, parede externa da residência, etc).

3. ENCAMINHAMENTO DE AMOSTRA E NOTIFICAÇÃO

Os insetos capturados devem, preferencialmente, serem encaminhados vivos para viabilidade da realização de exame entomo-parasitológico.

Encaminhar os insetos em potes de coleta, com tiras de papel-filtro dobrados em forma de sanfona para reter umidade e fezes dos triatomíneos. As tampas devem permanecer intactas, sem qualquer orifício (Figura 1).

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

Os potes com as amostras devem sempre estar etiquetados para identificação da amostra. A etiqueta deve ser colada na parte de fora do pote e conter as seguintes informações: RS, município, data e nome do coletor. Junto com o pote deve ser encaminhada também a ficha de notificação de triatomíneo (Anexo I).



Figura 1. Acondicionamento de amostras de triatomíneos. **Fonte:** OBARA *et al.* 2014.

O transporte deve ser realizado em uma caixa bem lacrada sendo encaminhada para as RS, que devem realizar pré-triagem da amostra definindo insetos de real interesse de Saúde Pública, para então encaminhar ao NVE ou à DVDTV, no qual será realizada a taxonomia de espécies e exame entomo-parasitológico.

Os resultados serão enviados às RS, com laudo e recomendações para acompanhamento da realização do trabalho a ser desenvolvido nos municípios como: educação em saúde, *feedback* do resultado ao morador colaborador e, quando necessário, atividade de busca ativa e aplicação de inseticidas. Também, se houver necessidade, será realizada a sorologia de todos os moradores, quando o triatomíneo der positividade para *T. cruzi* (Figura 2).

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

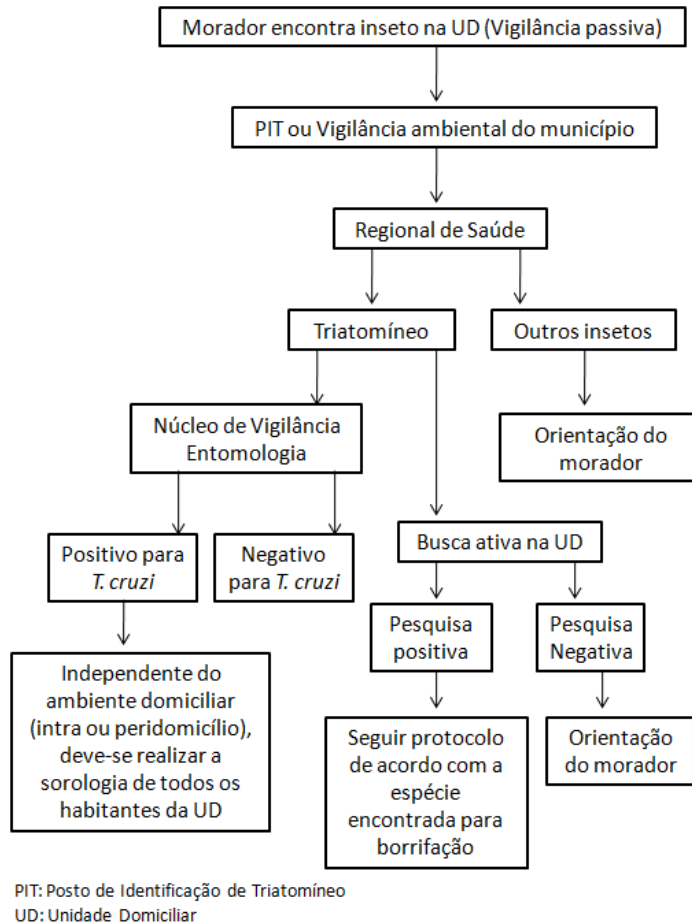


Figura 2. Fluxo para encaminhamento de amostra.

4. PROTOCOLOS PARA APLICAÇÃO DE INSETICIDAS

De acordo com a espécie encontrada deve-se seguir um dos seguintes protocolos:

4.1 Protocolo 1 – *T. infestans* – espécie domiciliada.

Ao encontrar exemplares vivos de *T. infestans* durante a busca ativa, deve-se estender a procura por toda a localidade. Realizar busca ativa anualmente, em 100% das UD por três anos. Se encontrar outro exemplar vivo nas pesquisas dos anos subsequentes, estender a pesquisa por mais três anos. A área será considerada livre de *T. infestans* apenas quando não forem mais encontrados *T. infestans* por três anos consecutivos.

Quando forem encontrados exemplares mortos ou não forem encontrados *T. infestans* durante a busca ativa, reavaliar a UD após 6 meses, podendo ser considerada área livre de foco de *T. infestans* caso não sejam mais encontrados exemplares vivos ou mortos.

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

Com relação ao controle químico da UD, caso seja encontrado durante a busca ativa exemplar de *T. infestans* vivo ou morto recomenda-se pulverizar toda residência intra e peridomicílio, independente da positividade para *T. cruzi* (Figura 3).

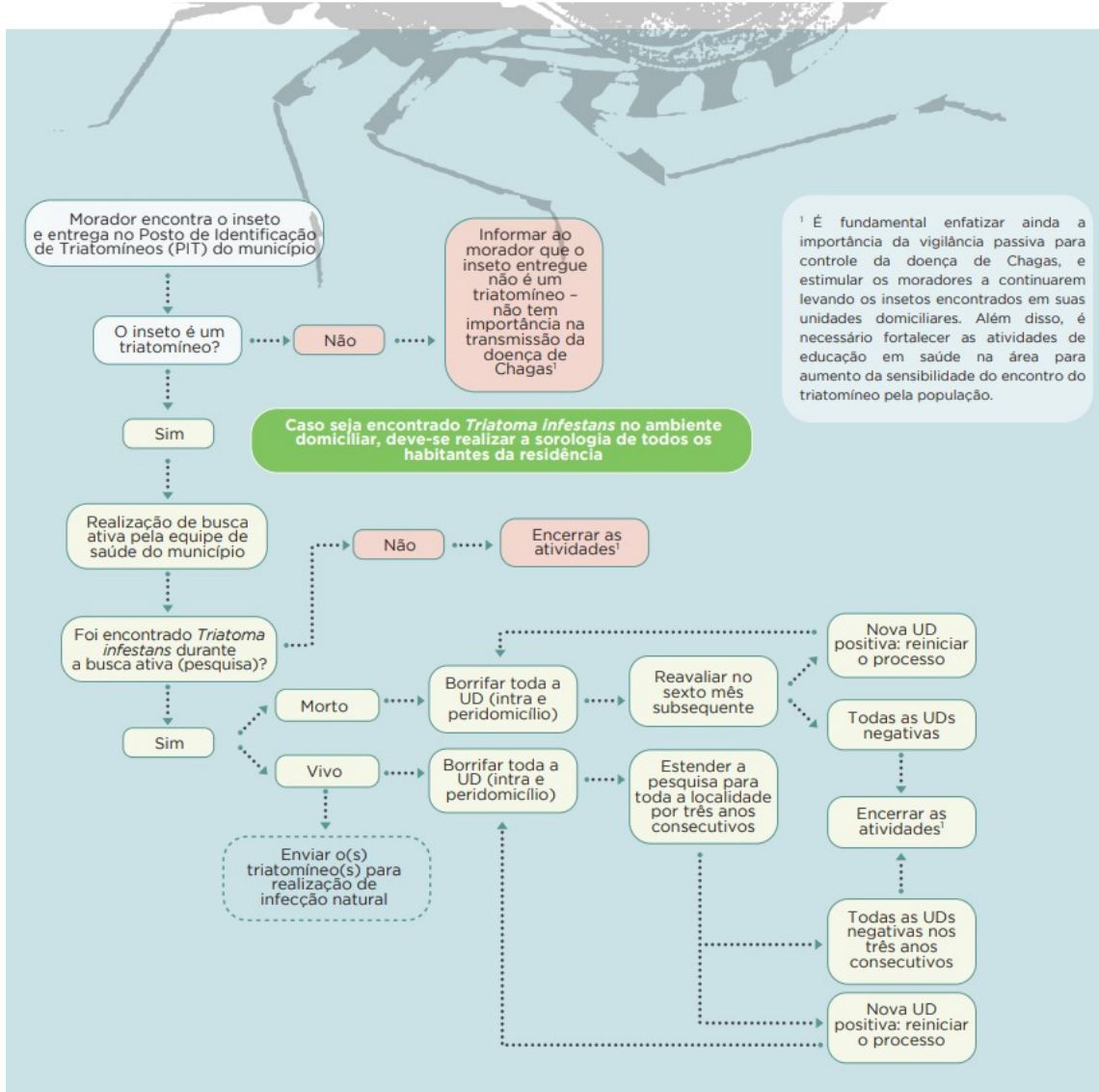


Figura 3. Fluxo para Vigilância Entomológica de *T. infestans*.

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

4.2 Protocolo 2 – *Panstrongylus megistus*; *T. brasiliensis*; *T. maculata*; *T. pseudomaculata*; *T. rubrovaria* e *T. sordida* – espécies com potencial para domiciliação.

Ao encontrar exemplares vivos, deve-se estender a busca por um raio de 100 metros a partir na UD notificadora e reavaliar após 6 meses. Após 2 avaliações subsequentes caso não seja encontrado exemplar vivo, considera a localidade livre de foco e finaliza as ações.

Com relação ao controle químico, após a busca ativa se for encontrado adulto vivo recomenda-se pulverizar toda residência intra e peridomiciliar (Figura 4).

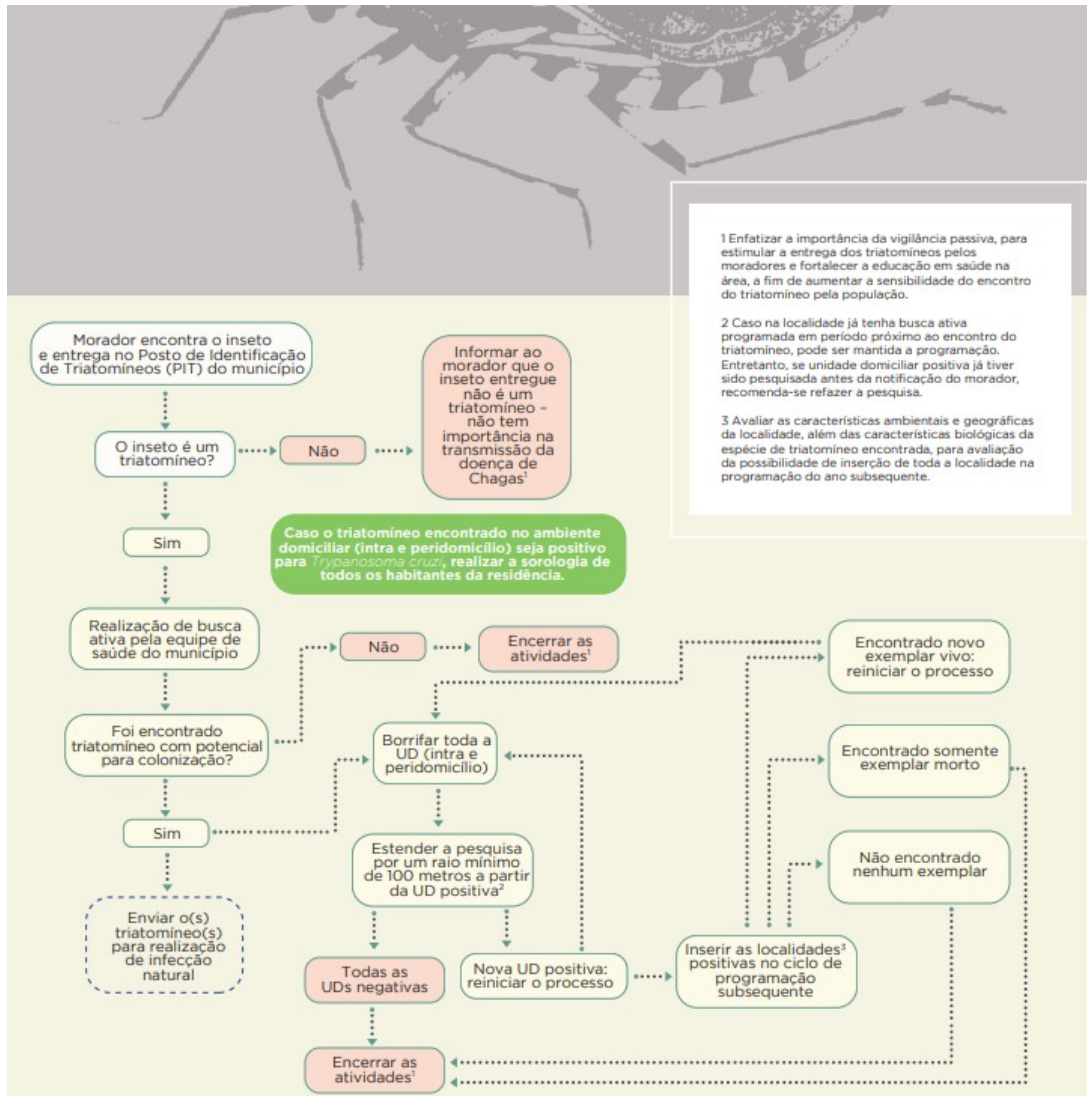


Figura 4. Fluxo para Vigilância Entomológica para espécies com potencial de domiciliação.

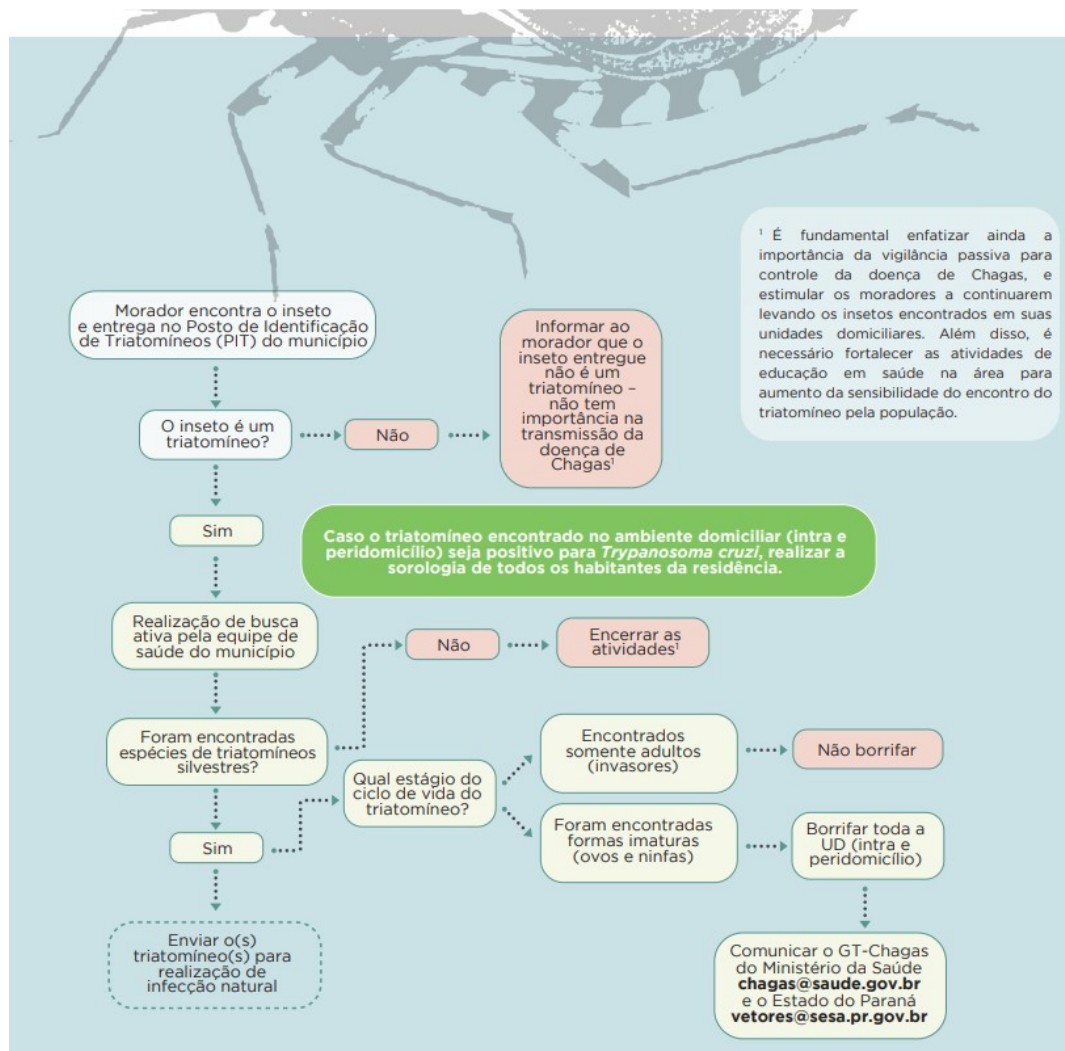
DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

4.3 Protocolo 3 – *T. tibiamaculata*; *T. vitticeps*; *Panstrongylus geniculatus*; *Panstrongylus lutzi*; *Rhodnius domesticus*; *Rhodnius nasutus*; *Rhodnius neglectus*; *Rhodnius pictipes*; *Rhodnius robustus* – espécies predominantemente silvestres, mas podem ser encontradas em domicílios.

Durante a busca ativa do triatomíneo na UD, caso seja encontrado indícios de domiciliação (ovos e ninfas) deve-se estender a busca para toda a localidade. Por ser um fato novo, deve-se exaustivamente ser investigado pelas esferas municipais e estaduais, devendo-se comunicar imediatamente o fato a RS.

Recomenda-se o controle químico somente se durante a pesquisa da UD forem encontrados ovos e ou ninfas (Figura 5).



DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

Figura 5. Fluxo para Vigilância Entomológica de espécies silvestres.

5. RECOMENDAÇÕES DE CASOS ESPECÍFICOS

Em casos de recorrência da presença de triatomíneos com infecção natural positiva para *T. cruzi* e não forem encontrados pela busca ativa municipal e estadual triatomíneos domiciliados, poderá ser avaliada a possibilidade de borrifação na UD, visando impedir a colonização do domicílio.

6. INTEGRAÇÃO ENTRE VIGILÂNCIA ENTOMOLÓGICA E EPIDEMIOLÓGICA

Deve ser realizada a integração e comunicação da Vigilância Entomológica e Epidemiológica para realização de sorologia em pessoas que residem nas UD com encontro dos triatomíneos positivos para *T. cruzi* em ambiente domiciliar (intra e peridomicílio). Sendo que, o encontro e contato de triatomíneos em residência definem caso suspeito para doença de Chagas Aguda e Crônica, conforme Nota Técnica nº 11/2024- DAV/SESA.

7. CONTROLE QUÍMICO

O controle químico de vetores é realizado por meio da estratégia de aplicação de inseticida residual intra e peridomiciliar nas paredes internas e externas dos imóveis. A aplicação deve ser realizada utilizando o inseticida residual recomendado, por meio de equipamento costal manual de compressão prévia (Figura 6 A) ou de equipamento costal manual de alavanca (Figura 6 B).

Antes da aplicação o equipamento deve ser verificado, regulado e calibrado, para evitar falhas no controle ou aplicação excessiva do inseticida.



Figura 6. Representação do equipamento costal manual de compressão prévia (a), equipamento costal manual de alavanca (b) e válvula para controle de vazão e pressão (c) utilizados para aplicação residual de inseticida (adulticida) no controle químico de triatomíneos.

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

Atualmente o inseticida recomendado pelo Ministério da Saúde é a Alfa-cipermetrina 20,0% (Alfatec® 200 SC) com efeito residual de quatro meses. A formulação comercial do produto é de suspensão concentrada, sendo utilizado dosador de 50 ml para preparo de uma calda de 10 litros, usando água como solvente, com área de aplicação de 200 m². Durante a aplicação os equipamentos recomendados são os pulverizadores costais manuais portáteis, com pontas de Jato Plano 8002-E (80° de abertura do leque e vazão de 760 ou 800 ml/min - com ou sem válvula de fluxo constante, respectivamente - com deposição uniforme), recomendação de manter a pressão média em 40 psi, podendo variar na faixa de 25 a 55 psi. A dose recomendada é 0,4 g de produto/m², com vazão de 30 ou 40 ml de solução/m² (com ou sem válvula de fluxo constante, respectivamente).

O técnico que for realizar a atividade de controle químico de efeito residual deve estar devidamente paramentado com Equipamento de Proteção Individual (EPI), roupa protetora adequada, luvas, proteção ocular e respiratória, antes de iniciar o processo de aplicação do inseticida.

7.1 Aplicação do inseticida

7.1.1 Aferir a vazão do equipamento:

- Encher o tanque químico do equipamento com água (1000 ml – 1L);
- Fechar a tampa do tanque químico do equipamento;
- Para o equipamento costal manual de compressão prévia, pressurizar a 55 psi;
- Verificar se não contem vazamentos;
- Com a pressurização em 55 psi (3,8 bar) acionar a válvula por 1 min;
- Coletar o volume borrifado, por três vezes e calcular uma média das três medidas, mantendo a mesma pressão do tanque químico pressurizado pela primeira vez;
- A média deve ser de 760 ml/min ou 800 ml/min, com ou sem válvula de fluxo constante, respectivamente;
- Se o volume estiver fora da média, verificar o bico, onde a tela de filtro deve estar limpa e a ponta de pulverização não deve estar entupida;
- Semanalmente deve ser monitorada a vazão/min do equipamento, sendo trocada a ponta de pulverização quando a vazão for cerca de 20% maior que a descarga nominal.

7.1.2 Procedimento de aplicação:

- Após a verificação do equipamento e da vazão (760 ou 800 ml/min - com ou sem válvula de fluxo constante, respectivamente);
- Encher metade do pulverizador com água;
- Adicionar o inseticida (50 ml do produto comercial para o preparo de 10 L);
- Completar a calda com água para perfazer os 10 L;
- Fechar a tampa do tanque químico do equipamento;
- Agitar o equipamento para garantir uma boa dissolução do produto no tanque químico;

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

- Acionar o gatilho da válvula para checar à saída do inseticida;
- Para o equipamento costal manual de compressão prévia, pressurizar a 55 psi;
- Checar o padrão constante da aplicação em uma superfície seca da parede, observando se não ocorre gotejamento quando a válvula é acionada;
- Com o equipamento costal de compressão prévia manter a pressão em 40 psi, podendo variar na faixa de 55 a 25 psi.
- Aplicar faixas verticais de 75 cm de largura, sobrepostas em 5 cm, aplicando do teto ao assoalho e em seguida, ao lado da faixa aplicada, do assoalho para o teto, percorrendo todo o local;
- Manter a 45 cm da parede, para assegurar a largura da faixa;
- Estabelecer um ritmo de trabalho de modo que a cada metro de aplicação corresponda a 2,5 segundos por metro linear da superfície (com válvula de fluxo constante - Figura 6 C) ou 3,3 segundos (sem válvula de fluxo constante);
- Pressurizar novamente o tanque químico quando manômetro mostrar menos de 25 psi.

7.2 Lavagem do equipamento e armazenamento

- Após uso de toda a calda, enxaguar o equipamento e seus componentes por fora e por dentro com bastante água limpa (tríplice lavagem);
- Apertar o gatilho da válvula para que a água passe por dentro das mangueiras e do bico;
- Desmontar o bico deixando os componentes de molho em água e escová-los com cerdas macias. Nunca tentar desentupir a ponta com algum material pontiagudo;
- Deixar o equipamento secar de boca para baixo;
- Após inteiramente seco, guardar o equipamento em local limpo, protegido e seguro, de boca para baixo;
- Sempre que preciso, utilizar óleo fino para engraxar o equipamento de pulverização.

Deve ser informado ao proprietário o calendário e os propósitos da aplicação, dando-lhe tempo suficiente para preparar e desocupar a casa.

Devem ser retirados alimentos, utensílios de cozinha e brinquedos ou cobri-los para não serem atingidos pela borrifação. Animais domésticos e seus abrigos devem ser afastados da casa.

Recomenda-se que os moradores fiquem para o lado de fora da residência até que o inseticida seque. Antes de adentrar nas residências deve ser lavado o chão da casa, deixando as paredes com o inseticida fixado.

O recipiente deve ser descartado corretamente, visando a logística reversa do produto.

Período de reentrada: após a aplicação manter o local ventilado. A reentrada deve ser realizada assim que as superfícies tratadas estiverem secas. Idosos, grávidas e pessoas alérgicas só devem retornar ao local 24 horas após aplicação.

7.3 Vazamento acidental

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

Isolar e sinalizar a área. Usar EPI (óculos de proteção, luvas de cano longo, avental de PVC, botas de borracha e máscara apropriada); eliminar o vazamento, se possível; cobrir a porção vazada com terra ou areia; evitar que o produto atinja bueiros, esgotos, cursos d'água, etc; eliminar qualquer fonte de ignição ou calor (cigarros, circuito elétrico do veículo, etc); recolher o produto, juntamente com a terra de cobertura, em recipientes fechados; transportar para local seguro para receber tratamento adequado para incineração; limpar bem a área.

7.4 Primeiros socorros

INGESTÃO: no caso de ingestão não provoque vômito, procure o médico levando embalagem ou rótulo do produto;

OLHOS: no caso de contato com os olhos, lave-os com água em abundância e procure o médico levando a embalagem ou rótulo do produto;

PELE: no caso de contato com a pele, lave-a com água e sabão em abundância e procure o médico levando a embalagem ou rótulo do produto;

INALAÇÃO: no caso de inalação do produto procure local arejado e vá ao médico levando a embalagem ou rótulo do produto. Se inalado em excesso remover a pessoa para o local ventilado. Em caso de intoxicação, procurar o Centro de Intoxicações ou Serviço de Saúde, levando a embalagem ou rótulo do produto.

Curitiba, 05 de abril de 2024

Assinado eletronicamente

Maria Goretti David Lopes

Diretora de Atenção e Vigilância em Saúde

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

ANEXO I

FICHA DE NOTIFICAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE AMOSTRA DE TRIATOMÍNEOS

CENTRO DE SAÚDE AMBIENTAL
DIVISÃO DE CONTROLE DE DOENÇAS TRANSMITIDAS POR VETORES
COORDENAÇÃO DE CONTROLE DA DOENÇA DE CHAGAS

FICHA DE NOTIFICAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE AMOSTRA DE TRIATOMÍNEOS

1. Procedência da amostra

Notificação nº/ano	Tipo de Atividade						RS
	Nº etiqueta da Vigilância passiva		Nº etiqueta Vigilância ativa		Nº etiqueta da Busca ativa *demanda de uma Vigilância passiva		
Cód. do município	Município						
Cód. Localidade	Nome da Localidade/Bairro						
Endereço				Casa nº	Coordenada Geográfica		
					Lat.	Log.	
Nome do Morador/Colaborador							

2. Dados da captura

Intradomicílio		Peridomicílio		Extradomicílio	
Captura	Local de captura (especificar)	Captura	Local de captura (especificar)	Captura	Local de captura (especificar)
1 - Triatomíneo		1 - Triatomíneo		1 - Triatomíneo	
2 - Outro		2 - Outro		2 - Outro	

Data da coleta	Data da Remessa	Situação da amostra		Remetente ou portador
__/__/__	__/__/__	Viva	Morta	

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br

8. REFERÊNCIAS

ALFATEK® 200 SC. Rogama Indústria e Comércio LTDA (2016). São Paulo. *Ficha Técnica*.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenacao-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. Guia de Vigilância em Saúde: volume único [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenacao-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. – 3a. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2019.

BRASIL. Nota Técnica nº 36.2012 – CGDT/DEVEP/SVS/MS. Orientações sobre vigilância e a utilização de inseticida de ação residual no controle de triatomíneos – vetores da doença de Chagas. Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis/Coordenação Geral de Doenças Transmissíveis. Brasília/DF, 2012.

BRASIL. Manual para borrifação de inseticida de efeito residual para controle de vetores. Organização Mundial da Saúde. Controle, Prevenção e Erradicação de Doenças Transmissíveis. Sistema de Avaliação de Pesticidas OMS, 2002.

OBARA, M., WANDERLEY, D. M. V., SILVA, R. A. Procedimentos de captura, montagem, conservação e envio. In: GALVÃO, C., org. *Vetores da doença de chagas no Brasil* [online]. Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2014, pp. 209-219. Zoologia: guias e manuais de identificação series. ISBN 978-85-98203-09-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ROGAMA. *Ficha de Informação de Segurança de Produtos Químicos – FISPQ*. ALFATEK 200 SC. Rogama Indústria e Comércio LTDA. São Paulo, Rev, 4, p. 1- 11, 2016.

DIRETORIA DE ATENÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE – DAV

Rua Piquiri, 170 – Rebouças – 80.230-140 – Curitiba – Paraná – Brasil – Fone: (41) 3330-4300 – E-mail: da.sesa@sesa.pr.gov.br
www.saude.pr.gov.br



ePROTOCOLO

NOTA TECNICA 002/2024.

Documento: **NOTATECNICA13_2024CVIADAVSESA_entomologia.pdf.**

Assinatura Avançada realizada por: **Maria Goretti David Lopes (XXX.781.669-XX)** em 08/04/2024 12:30 Local: SESA/DAV/DIR.

Inserido ao documento **794.335** por: **Emanuelle Gemin** em: 05/04/2024 16:43.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021.

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:

<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código:

1688742e3b5d96ec0726dfb4a5b0cc22.